ISSN-2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

LETRAMENTO CRÍTICO: UMA REVISÃO DE CONCEITOS E CONCEPÇÕES

LUCAS OLIVEIRA SILVA[1]
FABIANA DA SILVA AYMAY[2]

RESUMO

Este artigo explora o conceito de letramento crítico como uma abordagem educativa que visa fomentar a reflexão, transformação e ação, destacando sua relevância para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A discussão inicia-se com um histórico do termo "letramento", diferenciando-o da alfabetização e enfatizando sua perspectiva como prática social situada, conforme proposto por Barton e Hamilton (1998) e Street (1984). No campo acadêmico, os modelos de letramento propostos por Lea e Street (1998) e a contribuição da pedagogia dos multiletramentos pelo New London Group ampliam o conceito ao incluir dimensões culturais e semióticas diversificadas. O letramento crítico, ancorado nas ideias de Paulo Freire, propõe uma leitura dialógica do mundo e dos textos, focada em compreender relações de poder, ideologia e dominação embutidas nos discursos. Baseado em autores como Andreotti (2008) e Fairclough (2001), o texto sublinha a necessidade de analisar criticamente as intenções, os contextos sociais e as vozes silenciadas em produções textuais, destacando o papel do educador como mediador do desenvolvimento da consciência crítica nos estudantes. Além disso, enfatiza-se a aplicação prática do letramento crítico por meio da escolha de temas que promovam engajamento e questionamento social, ampliando o uso da linguagem como ferramenta de transformação. Conclui-se que esta abordagem contribui para a formação de indivíduos autônomos e engajados socialmente, preparados para interagir de forma crítica com a multiplicidade de textos e discursos em um mundo cada vez mais interconectado e multicultural.

Palavras-chave: Letramentos, Letramento crítico, Educação Crítica

ABSTRACT

This article explores the concept of critical literacy as an educational approach that fosters reflection, transformation, and action, highlighting its relevance in building a more just and equitable society. The discussion begins with a historical overview of the term "literacy," distinguishing it from alphabetization and emphasizing its perspective as a situated social practice, as proposed by Barton and Hamilton (1998) and Street (1984). In academia, the literacy models proposed by Lea and Street (1998) and the contributions of the New London Group's pedagogy of multiliteracies broaden the concept to include diverse cultural and semiotic

[1] Professor de Língua Inglesa na Educação Básica. Mestrando em Letras PPGL UFSM. E-mail: lucasoliveirasilvaa@gmail.com
[2] Licenciada em Letras Inglês. Mestranda em em Estudos Letras PPGL UFSM. E-mail: fabiaymay@gmail.com

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

dimensions. Anchored in the ideas of Paulo Freire, critical literacy advocates for a dialogic reading of the world and texts, focusing on understanding the power relations, ideologies, and domination embedded in discourses. Based on scholars such as Andreotti (2008) and Fairclough (2001), the text underscores the need to critically analyze the intentions, social contexts, and silenced voices in textual productions, emphasizing the educator's role as a mediator in developing students' critical awareness. Moreover, it stresses the practical application of critical literacy through the selection of themes that promote social engagement and questioning, expanding the use of language as a tool for transformation. The article concludes that this approach contributes to forming autonomous and socially engaged individuals prepared to interact critically with the multiplicity of texts and discourses in an increasingly interconnected and multicultural world.

Keywords: Literacy, Critical Literacy, Critical Education

1. INTRODUÇÃO

O letramento crítico é uma abordagem que visa promover a reflexão, transformação e ação através do desenvolvimento de uma compreensão crítica da linguagem e dos textos. Fundamentado em teorias de poder, ideologia e prática social, o letramento crítico desafia os alunos a questionar as relações de poder e as estruturas sociais que moldam suas vidas. Esse conceito é essencial para capacitar os estudantes a utilizar a linguagem como uma ferramenta de resistência contra a dominação e a desigualdade social e econômica. O objetivo deste artigo é apresentar uma revisão de literatura, explorando os conceitos e as concepções de letramentos. Dessa forma, este trabalho está organizado em: Um breve histórico dos letramentos (seção 2) e uma discussão mais detalhada sobre letramento crítico (seção 3), bem como sua contribuição ao ensino de línguas para promover uma educação e uma sociedade mais justa e equitativa.

2. BREVE HISTÓRICO DOS LETRAMENTOS

O termo "letramento" surge no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, inicialmente como sinônimo de alfabetização (*literacy*)[3] (ROJO, 2019; BEZERRA, 2019). No entanto, ao longo do tempo, o conceito de letramento se diferencia da alfabetização, adquirindo um significado mais

[3] "Em inglês, literacy significa letrado no sentido de alfabetizado e também letramento no sentido que utilizamos atualmente." (Bezerra, 2019)

amplo e complexo. A alfabetização, por sua vez, concentra-se na aquisição/domínio das habilidades básicas de leitura e escrita, como o reconhecimento das letras e a decodificação de palavras. Já o letramento, segundo Kleiman (1995), envolve investigar os usos sociais da língua, seus efeitos nos indivíduos e na sociedade, e as relações entre a escrita e o conhecimento. A emergência do conceito de letramento está relacionada às transformações sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas, que demandam novas competências comunicativas e linguísticas dos indivíduos. Nesse contexto, o letramento se torna fundamental para a participação plena na sociedade e para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Desse modo, com o avanço dos estudos linguísticos, o termo letramentos passou a se ampliar, trazendo maior distinção em relação à alfabetização e incorporando diferentes concepções de letramento. De acordo com Barton e Hamilton (1998), os processos de letramento podem ser analisados considerando dois focos principais: o letramento como prática social e o letramento como eventos. Primeiramente, o letramento é uma prática social, centrada no contexto cultural, com metas e concepções de leitura e escrita que são moldadas por regras sociais, em outras palavras, é como usamos e damos sentido ao letramento e ao uso da escrita e da leitura em situações particulares (BARTON & HAMILTON, 1998; HEATH & STREET, 2008). Além disso, de acordo com Barton & Hamilton (1998), o letramento como eventos é o processo de realização de práticas sociais, geralmente um processo de desenvolver competências de escrita e leitura que constitui uma atividade na qual os participantes assumem papéis sociais específicos. Em resumo, diferentes eventos de letramentos envolvem diferentes práticas de letramentos; também podemos dizer que "existem diferentes letramentos associadas a diferentes domínios[4] da vida" (BARTON & HAMILTON, 1998, p.11).

Dando continuidade aos estudos linguísticos, Street (1984) propõe dois modelos educacionais: o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento. Nesse viés, o modelo autônomo de letramento se assemelha ao que Freire (1981) chamou de educação bancária (a qual criticou veementemente), ocorrendo principalmente na esfera escolar. Nesse sentido, em vez de serem considerados "bancos a receber", os alunos são convidados a não apenas aprender a ler histórias alienadas, mas a fazer história e por ela serem feitos. Em relação às questões de

[4] Domínios refere-se a contextos estruturados, regulados dos quais as pessoas agem. Por exemplo: escolas, agências governamentais e locais de trabalho.

alfabetização e ao ato de ler, o autor destacou o problema da "alfabetização" política. Nessa abordagem, o ponto de partida para o educador crítico deveria ser a análise do que é o "analfabeto" político [é necessário considerar hoje também o analfabeto midiático], ou ainda: o analfabeto funcional que a literatura sobre os estudos do alfabetismo e do letramento menciona. Se, do ponto de vista linguístico, o analfabeto é aquele que não sabe ler e escrever – ou seja, aquele que não conhece o alfabeto –, o analfabeto "político, independentemente de saber ler e escrever, é aquele que tem uma percepção ingênua e mágica da realidade. Ao alfabetizar-se politicamente, tal percepção cede lugar a uma visão objetiva, e desse aprofundamento resulta a tomada de consciência da realidade social" (FREIRE, 1987, p. 74).

Nessa perspectiva, as atividades e a produção de leitura e escrita são descontextualizadas, consideradas blocos completos em si mesmas, ou seja, objetos de ensino padronizados, prevalecendo a lógica dos conteúdos. Desse modo, são práticas desconectadas dos contextos de produção de linguagem, orientadas para a aprendizagem da norma culta da língua, visando o desenvolvimento de competências cognitivas individuais, e não os processos interativos que ocorrem via linguagem.

O modelo autônomo de letramento considera os alunos (independentemente da idade ou classe social) como pessoas alienadas dos processos sócio-históricos conflituosos e das lutas transformadoras, e os considera como meros receptáculos de saberes transmitidos pelos professores, para reproduzirem sem consciência crítica. Esse modelo é visto como uma realização individual, a qual foco está nas habilidades que este indivíduo desenvolve e não no contexto social.

Por outro lado, o modelo de letramento ideológico leva em consideração o processo histórico, conflituoso, as relações sociopolíticas de poder na sociedade para distribuição dos bens culturais e econômicos. Nessa perspectiva, as práticas de letramento são práticas sociais e não habilidades técnicas neutras. Esse modelo diz respeito ao conhecimento e como as pessoas se relacionam com a leitura e com a escrita (STREET, 1984; TERRA, 2013). Dessa forma, as práticas sociais, sob um viés analítico-crítico, estão abertas à investigação sobre sua natureza em termos de hegemonia de cultura, de poder, das relações sociais e das ideologias dos discursos. Vale ressaltar a importância do modelo ideológico, considerando que uma aparente neutralidade das práticas de alfabetização e letramento, promovidas principalmente pelas agências de

letramento tradicionais como escola e universidade, deve ser substituída por uma visão que contemple a compreensão de que a participação consciente em práticas de letramento situadas pode promover a distribuição de poder na sociedade.

Em meio às investigações e preocupações em relação à leitura e escrita, surgem inquietações com as práticas exercidas por estudantes no ensino superior (STREET, 2017). Devido a isso, Lea e Street (1998) apontam três modelos/ abordagens para o ensino da leitura e da escrita no contexto acadêmico: o modelo estudo das habilidades, socialização acadêmica e letramento acadêmico. O primeiro modelo entende o letramento como um conjunto de habilidades individuais. Já o segundo modelo coloca o professor na posição central como propagador de conhecimento sobre os gêneros acadêmicos. Por fim, o terceiro modelo, o letramento acadêmico é uma abordagem que visa o emprego do conhecimento linguístico para ler, analisar e produzir gêneros acadêmicos, exemplificados na tabela 1.

Tabela 1- Exemplos de gêneros acadêmicos

Gênero Acadêmico	**Definição**	**Objetivo**
Artigo Científico	Publicação original que apresenta resultados de uma pesquisa, com metodologia clara e concisa.	Divulgar novas descobertas e conhecimentos.
Resumo	Apresentação concisa das ideias principais de um texto, preservando sua estrutura original.	Facilitar a compreensão rápida do conteúdo de um texto mais extenso.
Ensaio Acadêmico	Texto dissertativo que explora um determinado tema de forma aprofundada, com base em pesquisas e análises críticas.	Desenvolver a capacidade de análise e síntese, além de estimular o pensamento crítico.
Seminário Acadêmico	Apresentação oral sobre um determinado tema.	Apresentar, discutir e compartilhar informações sobre um tema específico.

Fonte: os autores

O letramento acadêmico é considerado a abordagem mais 'rica', uma vez que, de acordo com Street (2017), este procura por uma renovação - ao invés da perpetuação - das práticas convencionais de leitura e escrita. Com o estudo sobre os letramentos acadêmicos, manifesta-se outros tipos de gêneros acadêmicos, chamados de 'letramentos ocultos'. Os 'letramentos ocultos' são gêneros acadêmicos, a qual a sua estrutura é constantemente considerada implícita pela Acadêmia, os gêneros Ensaio e Seminário (Tabela 1) são exemplos de gêneros acadêmicos considerados como 'letramentos ocultos'.

Já nos anos 90 e 2000, ocorre a reunião do *New London Group* (Grupo de Nova Londres)[5], em Connecticut-EUA, onde o grupo apresenta o seu manifesto '*A pedagogy of multiliteracies: Designing social Futures'*. O manifesto expõe uma nova abordagem dos letramentos, a pedagogia dos multiletramentos. Segundo o *New London Group*, "os Multiletramentos vieram para superar as limitações da pedagogia tradicional" (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2021, p.102), porque o conceito de Multiletramentos permite diferentes possibilidades para o ensino e aprendizado, incluindo novas tecnologias de informação e comunicação (ROJO, 2012). Rojo (2012) também enfatiza os aspectos destacados pelo *New London Group*: os Multiletramentos estão relacionadas à multiplicidade cultural, o que significa que a produção cultural é realizada em diferentes círculos sociais e híbridos de diferentes letramentos e campos, em outras palavras, novos gêneros, tecnologias e idiomas são produzidos em novas comunidades sociais. Além disso,os Multiletramentos estão ligados à multiplicidade semiótica, ou seja, a capacidade de compreender e produzir significados por meio de diferentes modos: visual, auditivo, verbal e escrito.

Sendo assim, quando falamos sobre letramentos, há muito o que ser pesquisado, por isso, iremos discutir na seção seguinte o letramento crítico.

3. LETRAMENTO CRÍTICO: CONCEITO E CONCEPÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUAS

[5] O Grupo de Nova Londres é formado por dez pesquisadores de diferentes áreas relacionadas à educação linguística. São eles: Courtney Cazden, Bill Cope, Norman Fairclough, Jim Gee, Mary Kalantzis, Gunther Kress, Allan Luke, Carmen Luke, Sarah Michaels e Martin Nakata.

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

Quando pensamos na formação dos estudantes, seja, nível fundamental, médio ou superior é essencial que estes estejam qualificados/ aptos para compreender o que leem, assistem ou escutam e, por meio de reflexões e diálogos, utilizem a língua como ferramenta para questionar formas de dominação e perpetuação da desigualdade social e econômica (LOPES; ANDREOTTI; MENEZES DE SOUZA, 2006). Tendo isso em consideração, o Letramento Crítico manifesta-se e "promove a reflexão, a transformação e a ação" (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001, p. 06). O Letramento Crítico incentiva o questionamento de discursos dominantes presentes nos textos, visando à justiça e à igualdade nas relações sociais a partir da contextualização social e histórica em que foram elaborados.

De acordo com Andreotti, ler um texto sob a perspectiva do Letramento Crítico permite ao estudante "analisar e criticar as relações entre perspectivas, língua, poder, grupos sociais e práticas sociais" (ANDREOTTI, 2008, p. 43). É essencial destacar a perspectiva, a intencionalidade e o contexto sócio-histórico e econômico de quem produziu o texto, refletindo sobre as vozes e pontos de vista existentes, bem como os pontos de vista que foram ignorados ao longo do discurso.

O letramento crítico também revela a relação de poder entre os sujeitos entranhados no discurso, o que segundo Jordão e Fogaça:

> "sujeitos e significados estão imersos em relações de poder, travando constantes batalhas pela legitimidade. Tais conflitos e relações de poder permitem que os significados sejam permanentemente construídos e modificados. O poder (e os resultantes conflitos), as formas como o poder opera, e as possibilidades de subvertê-lo, devem ser uma preocupação fundamental para todos que desejam compreender, ensinar e aprender línguas estrangeiras" (JORDÃO; FOGAÇA, 2007, p. 88).

De tal forma, a relação de poder está relacionada a regras sociais e linguísticas, como o nível de formalidade do ambiente, polidez, descortesia e escolha vocabular, uma vez que "a linguagem pode ser usada para manter e desafiar formas existentes de poder" (JANKS, 2016, p. 29).

Em relação a isso, Fairclough (2001) destaca a presença ideológica na concepção textual. Para o autor, as leituras, os conhecimentos e os saberes adquiridos ao longo da vida contribuem

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

para a interpretação dos textos, que são produzidos em contextos sociais específicos. As interpretações dos textos são abertas a diferentes leituras e estão vinculadas a experiências pessoais, e não apenas ao próprio texto. Os sujeitos leitores agem criativamente ao realizar conexões interpretativas e ao reestruturar práticas e estruturas dos textos que são conforme o autor:

> "[…] a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta de luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas existentes" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123-124).

Por meio do Letramento Crítico, o indivíduo pode perceber, durante a leitura dos mais variados textos a que está exposto, os diferentes pontos de vista e questioná-los, contribuindo assim para a não reprodução de discursos atrelados a injustiças sociais. Na perspectiva do Letramento Crítico, os textos (falados ou escritos) não são neutros e estão associados às regras ideológicas da comunidade de onde o autor advém. Por sua vez, com a não neutralidade dos textos, "as escolhas que os produtores de textos fazem ora são deliberadas, ora inconscientes. Jamais são neutras. […] Esses textos são socialmente construídos em nossa sociedade" (JANKS, 2016, p. 25). Portanto, trazem em si vinculações com valores, crenças e práticas sociais. A percepção desse fato, sob a perspectiva do Letramento Crítico, "abrirá espaço para entender que poder, acesso, identidade e diferenças, juntos, são questões interconectadas pela linguagem" (JANKS, 2016, p. 22). Reconhecer a utilização da língua como agência social e suas implicações nas relações interpessoais, tanto globais quanto locais, é fator de grande importância para interpretar os textos e questionar a aplicabilidade de suas mensagens em determinados contextos. De acordo com Paulo Freire, um dos precursores dessa abordagem, enfatiza que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, destacando a importância da prática consciente na transformação social (Freire, 1989).

Com o avanço das tecnologias digitais e a globalização, tem-se acesso a um enorme acervo cultural advindo de diferentes lugares (por meio de vídeos do YouTube, blogs, sites, etc.). Esse contato permite um novo olhar para o mundo, novas perspectivas, afetando e influenciando

os interesses das pessoas, as formas como pensam e agem. Desse modo, torna-se ainda mais evidente a importância de considerar a não neutralidade da língua e questionar as mensagens recebidas pelos diferentes meios de comunicação. Sobretudo, o letramento crítico nos ajuda a examinar e combater visões estereotipadas e preconceituosas que possam surgir nas interações em sala de aula e fora dela. É uma perspectiva que tem como propósito instigar o indivíduo a repensar sua realidade, auxiliando-o a tornar-se mais consciente e autônomo para transformá-la, se assim o decidir.

A realidade descrita no texto não possui amplitude global, mas sim local, estando historicamente, culturalmente e socialmente situada. O objetivo do Letramento Crítico é desenvolver uma consciência crítica que habilite o leitor a perceber a ideologia presente no texto, identificar os indivíduos, classes sociais ou pontos de vista que ficaram excluídos e questionar sua intencionalidade. Dessa forma, os estudantes podem refletir criticamente sobre as práticas sociais que permeiam os diferentes textos (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001).

No que se diz respeito à prática do letramento crítico, ele está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do pensamento crítico nos estudantes. Os estudantes são incentivados a questionar as diversas formas de dominação e perpetuação da desigualdade social, utilizando a língua como ferramenta de ação crítica (Lopes, Andreotti, Menezes de Souza, 2006). O letramento crítico ainda pode ser promovido por meio de questionamentos que instiguem os alunos a analisar quem está contando a história, quais vozes estão ausentes e quais são as implicações de diferentes interpretações (Takaki, 2012). Sardinha sugere que a escolha dos textos deve partir de temas que possibilitem a reflexão e o engajamento com a realidade dos estudantes. Luke (2000) descreve a implementação do letramento crítico na Austrália, onde práticas como a análise de textos de cultura popular e mídia, a utilização de gramática funcional e a análise de gêneros textuais são utilizadas para desenvolver a capacidade crítica dos alunos. Ele enfatiza que essas práticas não apenas ajudam os estudantes a compreenderem os textos, mas também a questionarem e transformarem as estruturas sociais e culturais que os produzem. Ao integrar questões sociais relevantes, os educadores (mediadores essenciais na formação de cidadãos críticos) podem estimular um ambiente de aprendizado que promove a consciência crítica e a participação ativa dos alunos.

ISSN-2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

Conforme Gadotti (2003) aponta, o professor deve ser visto como um organizador da aprendizagem, capaz de promover a emancipação dos alunos através do questionamento das práticas sociais. Sardinha reforça que a postura do professor deve incentivar o diálogo e o respeito às diferenças. Luke (2000) ainda destaca que os educadores devem ser capazes de integrar teorias críticas contemporâneas em suas práticas pedagógicas, transformando a sala de aula em um espaço de análise crítica e reconstrução social. Ele argumenta que os professores devem ser preparados para lidar com as complexidades e desafios do letramento crítico, promovendo um ensino que vá além da aquisição de habilidades técnicas e inclua a análise crítica das relações de poder e ideologia presentes nos textos. E segundo Freire, o professor atua no ensino fundamental, médio ou superior, ou se trabalha no setor responsável pela elaboração das políticas linguísticas públicas (seja para reafirmar a já existente ideia de que o Brasil é monolíngue, seja para contrapor, enfrentar e desafiar outra proposta política), é fundamental que as práticas educativas estejam enraizadas em uma posição política consciente.

De acordo com Freire (1987), a educação que visa à domesticação opera na perspectiva de uma dicotomia necessária entre aqueles que manipulam e aqueles que são manipulados. Em contraste, na educação voltada para a libertação, não existem – ou pelo menos não deveriam existir – sujeitos que libertam e objetos que são libertados. Assim, a educação para a domesticação é um ato de transferência de "conhecimento", enquanto a educação para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os seres humanos devem exercer sobre a realidade. Dessa forma, o processo de alfabetização, quando visto sob uma ótica libertadora, é um ato de conhecimento: um ato criativo em que os alfabetizandos desempenham o papel de sujeitos cognoscentes, tanto quanto os educadores. Portanto, os alfabetizandos não são considerados "vasilhas vazias", meros recipientes das palavras do educador, ou seja, a educação bancária (FREIRE, 1987, p. 105).

Freire ilustra que um sujeito, mesmo alfabetizado e conhecedor do alfabeto, se não age criticamente na sua realidade, ainda é um analfabeto político. Nessa perspectiva, o sujeito não pode fugir da realidade em que atua sem assumir, criticamente, sua presença nela. No entanto, é possível observar que mesmo um cientista, por exemplo, sendo instruído e tendo escolaridade, pode constituir-se um analfabeto político, especialmente quando tenta "esconder-se" na suposta neutralidade de sua atividade científica, indiferente ao uso que se faça de seus achados,

desinteressado em sequer pensar a serviço de quem trabalha. Quase sempre, ao ser indagado sobre isso, responde vagamente que está a serviço dos interesses da humanidade (FREIRE, 1981, p. 106).

Nesse sentido, uma abordagem crítica do letramento exige a elaboração de políticas de alfabetização criativas, emancipadoras, transformadoras, que refutem a concepção "mágica" da cultura letrada, sustentada pelo mito da sociedade recompensante como modelo de desenvolvimento social desejado, em que a alfabetização funciona como um projeto civilizatório salvacionista de povos marginalizados, sendo a escola a única agência social capaz de executá-lo.

O letramento crítico, conforme destacado por Cervetti, Pardales e Damico (2001), é uma ferramenta essencial para a promoção da reflexão, transformação e ação. Ele desafia os estudantes a compreenderem profundamente o que leem, assistem ou escutam, incentivando-os a utilizar a língua como um meio para questionar e combater as formas de dominação e desigualdade social e econômica. A abordagem crítica proposta por Andreotti (2008) permite que os alunos analisem e critiquem as relações entre língua, poder e práticas sociais, destacando a importância da intencionalidade e do contexto sócio-histórico dos textos. Jordão e Fogaça (2007) reforçam que os significados são construídos e modificados dentro de relações de poder, o que torna fundamental que educadores e alunos compreendam e subvertam essas dinâmicas. O letramento crítico, ao questionar discursos dominantes e promover a justiça social, revela a não neutralidade dos textos e a presença ideológica neles, como apontado por Fairclough (2001) e Janks (2016). Com a globalização e o avanço das tecnologias digitais, a necessidade de uma leitura crítica torna-se ainda mais premente, permitindo que os indivíduos combatam visões estereotipadas e preconceituosas, como destacado por Carbonieri (2016). Assim, o letramento crítico pode capacitar os indivíduos a serem agentes de mudança em suas comunidades, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou explorar a evolução do conceito de letramento, desde a alfabetização até a incorporação de práticas sociais e ideológicas que evidenciam a importância de compreender as linguagens não apenas como competências técnicas, mas como instrumentos de transformação e resistência. Com as contribuições de autores como Barton e Hamilton, e Street e

Freire, temos a base para promover uma educação que valorize a conscientização crítica dos estudantes, estimulando-os a participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Além disso, a abordagem do letramento acadêmico e os modelos mais recentes de Multiletramentos enriquecem ainda mais esse panorama, ampliando as possibilidades pedagógicas ao integrar as novas tecnologias e o entendimento cultural diversificado.

Dessa forma, ao integrar práticas de letramento crítico ao ensino, especialmente no contexto das línguas, abre-se espaço para desconstruir narrativas hegemônicas, desafiar desigualdades estruturais e fomentar um entendimento mais inclusivo e justo do mundo. Assim, o letramento crítico não apenas qualifica os estudantes a interpretar textos, mas também os prepara para agir com autonomia e protagonismo na busca por uma sociedade mais equitativa. Esse percurso educacional reafirma o papel fundamental da escola, da universidade e dos educadores na construção de uma formação comprometida com a justiça social e o respeito às diferenças culturais e linguísticas. O letramento crítico desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e capazes de questionar e transformar as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade e a opressão. Ao desenvolver a habilidade de ler e interpretar textos de maneira crítica, os estudantes se tornam agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa. As teorias e práticas discutidas ao longo deste texto destacam a importância de uma abordagem que vá além da aquisição de habilidades técnicas, promovendo uma análise profunda das relações de poder e ideologias que podem ser apresentadas nos textos, sejam eles escritos, orais ou multimodais. Assim, o letramento crítico não apenas enriquece a experiência, mas também contribui para a emancipação e a transformação social.

5. REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, V. O. A. **Letramento crítico: perspectivas e possibilidades**. Porto Alegre: Penso, 2008.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies**: Reading and Writing in one Community. London and NY: Routledge, p. 6-13, 1998.

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In:**Situated Literacies** : Reading and Writing in Context. Edited by BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R . Routledge, Londres, 2000, pp. 7-15

BEZERRA, S. S. Letramentos em questão: Um resgate histórico. **Revista Linguagem em Foco,** Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 131–140, 2019. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1545. Acesso em: 24 nov. 2024.

CARBONIERI, D. **Colonialidade e letramento crítico**. In: MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; MONTE MÓR, W. (Orgs.). **Letramentos no século XXI: perspectivas globais e locais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 133-150.

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. **A conceptual framework for literacy education**. Reading Online, v. 4, n. 1, 2001. Disponível em: http://www.readingonline.org/articles/art_index.asp?HREF=/articles/cervetti/index.html. Acesso em: 18 nov. 2024.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOGAÇA, A.; JORDÃO, C. **Letramento crítico e ensino de línguas**. In: LOPES, D. B.; ANDREOTTI, V. O. A.; MENEZES DE SOUZA, L. M. T. (Orgs.). **Letramento crítico: perspectivas e possibilidades**. Porto Alegre: Penso, 2007. p. 88-105.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 2003.

JANKS, H. **Letramento crítico: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais. **Revista Linguagem em Foco, Fortaleza**, v. 13, n. 2, p. 101–145, 2021. DOI: 10.46230/2674-8266-13-5578. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578. Acesso em: 9 dez. 2024.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In : KLEIMAN, A. B.**Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de letras, 1995, pp.15-61.

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

LOPES, D. B.; ANDREOTTI, V. O. A.; MENEZES DE SOUZA, L. M. T. **Letramento, identidades e práticas de leitura**. In: LOPES, D. B.; ANDREOTTI, V. O. A.; MENEZES DE SOUZA, L. M. T. (Orgs.). **Letramento crítico: perspectivas e possibilidades**. Porto Alegre: Penso, 2006. p. 43-55.

LUKE, A. **Critical literacy in Australia: a matter of context and standpoint**. Journal of Adolescent & Adult Literacy, v. 43, n. 5, p. 448-461, 2000.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. in: **Multiletramento na escola**./ organizado ROJO, R; ALMEIDA, Eduardo de Moura.- 1. ed., São Paulo: Parábola, 2020.

ROJO, R. H. R; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SARDINHA, T. B. **Letramento crítico e ensino de línguas**. In: LOPES, D. B.; ANDREOTTI, V. O. A.; MENEZES DE SOUZA, L. M. T. (Orgs.). **Letramento crítico: perspectivas e possibilidades**. Porto Alegre: Penso, 2006. p. 105-120.

HEATH, S. B.; STREET, B. V. Ethnography: approaches to language and literacy research. New York:Teachers College Press, 2008.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. **What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice**. Current Issues in Comparative Education, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, B. Letramentos acadêmicos: avanços e críticas recentes. In: AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. **Incursões na escrita acadêmico-universitária**: letramento, discurso, enunciação [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 21-33. ISBN: 978-65-86084-26-9. https://doi.org/10.7476/9786586084269.0002.

TAKAKI, R. **Letramento crítico e ensino de línguas**. In: LOPES, D. B.; ANDREOTTI, V. O. A.; MENEZES DE SOUZA, L. M. T. (Orgs.). **Letramento crítico: perspectivas e possibilidades**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 120-135.

TERRA, M. R. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. **DELTA**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 29, n. 1, p. 29–58, 2013. disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/QJrmPyMcJLqb5mVM6Hn5H5z/> . Acesso em: 9 dez. 2024.

ISSN-2966-0785

REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA